

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira
Estudos Arqueológicos de Oeiras,
16, Oeiras, Câmara Municipal, 2008, p. 171-176

OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA NO BAÚ DA(S) MINHA(S) MEMÓRIA(S)

António Carvalho*

1. NOTA PRÉVIA

Decisivamente, ficar mais velho deve ser também assim.

No espaço de três anos, em quatro circunstâncias distintas pediram-me contributos a propósito de lembrar pessoas ilustres com quem me cruzei, experiências por mim vividas por ocasião da comemoração de efemérides, ou mesmo para dar testemunhos pessoais para publicitar em sítios institucionais ou ensaios literários. Curiosamente, todos estes pedidos remetiam para a minha vivência enquanto discente de dois estabelecimentos de diferentes níveis de ensino.

Uma dessas primeiras sensações causadas neste domínio – e que também tem a ver com o Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira – foi-me proporcionada pelo Prof. Doutor António Camões Gouveia que me pediu um texto sobre a minha experiência enquanto aluno da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, entre 1983 e 1987, para publicitar no sítio da escola, julgo que a propósito da comemoração dos 30 anos da sua fundação. Ao reduzir para metade de um A4 um período riquíssimo da minha vida, que classifico como muito importante, lá estava presente a memória da figura daquele Professor. Assim, corresponder ao simpático e tocante pedido do organizador desta justa homenagem – o colega e amigo Prof. Doutor João Luís Cardoso – é excelente, pois permite-me recuperar o espírito daquele pequeno texto, desenvolvendo várias ideias que ficaram reduzidas a três nomes no meio do último parágrafo.

Penso que Veiga Ferreira teve muito pouca influência na minha opção em fazer uma carreira técnica numa autarquia como Cascais, a não ser no facto de me chamar constantemente a atenção nas aulas para a minha naturalidade. Eu nasci em Cascais e inclinava-me para a investigação arqueológica e ele, arqueólogo consagrado, gostava muito desta terra. Esta associação era para um professor e um homem de convicções – que quando gostava de algo, logo o proclamava declarada e intensamente – muito significativa. Outros professores tiveram claramente mais importância do que ele na minha opção por assumir uma carreira autárquica, quando não era vulgar existirem muitos recém licenciados em História a ingressarem nos quadros das Câmaras Municipais. Não obstante, tê-lo como professor foi para mim uma muito boa experiência e trouxe-me muitas vantagens educacionais e formativas, além de uma excelente nota no final do ano lectivo na disciplina que leccionava. Fui também um aluno dedicado ao Mestre, e, claro está, logo cativado pelo Mestre. Tudo o que propôs, enquanto actividade lectiva, teve sempre, da minha parte, resposta positiva e uma participação activa.

* Director do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais. Investigador da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

2. COM OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA NA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Fui seu aluno na disciplina obrigatória de *Pré-História* no primeiro ano da Licenciatura em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1983/84, e voltei a frequentar, como aluno extracurricular, uma cadeira de Geologia, opção que leccionou em 1986/87. Não contou para nota. Hoje sei bem que a frequentei para poder passar mais tempo com o “velho Mestre”, pois gostava muito dele. Sorver os seus vastos conhecimentos, que partilhava com o maior à vontade com os alunos, em catadupa e sem restrições, foi para mim uma benesse.

Dessa época – em que a Avenida de Berna, ainda tinha um separador central entre as duas vias repleto de frondosas árvores – lembro-me bem das aulas, a que praticamente nunca faltei. Nessas aulas, por vezes algo erráticas face a um programa, a que sempre voltava no final, apreendia-se tudo o que poderia hoje arrumar-se sob distintos “chapéus”: Arqueologia, Antropologia, Etno-arqueologia, Etnografia, Biologia, Política, Religião, Geologia, Geografia, Gastronomia, Anatomia animal, costumes e curiosidades (de vários países), sempre com a Pré-história em fundo.

De tudo o que tivesse interesse ele falava e sobretudo ao que lhe perguntavam de forma séria ele respondia empenhado.

Cedo me consciencializei que estava perante um pedagogo, um humanista, um naturalista, além de um professor de Pré-história e de Arqueologia com vasta bibliografia publicada, que se contava já então por centenas de títulos, com um profundo e completo conhecimento do campo.

Lembro-me bem da separação entre as duas aulas semanais: as teóricas nas instalações da Faculdade e as práticas nos Serviços Geológicos de Portugal, na Rua da Academia das Ciências, ao fundo do Príncipe Real, aos quadros dos quais pertencia. Além de um contacto intenso e privilegiado com os materiais, num museu que conservou os traços característicos da museologia contemporânea da data da sua fundação, no século XIX – e do qual muito me iria recordar ao visitar, com outra escala, o Musée National d’Histoire Naturelle, de Paris, no Verão de 1983 –, conheci o “Amigo Zby” ou “Mestre Zby” (dependia do tipo de discurso), ou seja o Prof. Doutor Georges Zbyszewski, também seu querido Mestre, sempre presente, oscilando, porém, Veiga Ferreira na descrição das suas vivências conjuntas, entre a admiração ilimitada, intercalada pela narração de episódios mais ou menos bizarros, geralmente ocorridos em trabalhos de campo.

Recordo, ainda, as visitas de estudo: três durante o primeiro ano lectivo e mais uma em 1987. As três primeiras foram dirigidas: à região de Lisboa (que incluía entre outros locais, a Sala de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães, as grutas de Alapraia, de São Pedro e Poço Velho e a duna consolidada de Oitavos); à zona do Oeste (que incluía uma visita à Praia do Magoito, às grutas das Salemas e da Columbeira); e ao Alentejo Central (destaque para a Anta Grande do Zambujeiro e o Museu de Évora). A quarta visita, de 1987, efectuou-se no Ribatejo e destinava-se a visitar os concheiros de Muge e outros sítios de interesse na região.

Nessas visitas falava-se de tudo e assistiam-se a situações insólitas. Tinha muito respeito pela vida e por isso respeitava também, claro está, a dos animais. Uma vez, numa das primeiras visitas, enquanto seguíamos por um terreno lavrado, encaminhou gentilmente para um buraco, com a ponta metálica do seu enorme chapéu de chuva, um lânguida e colorida cobra que recolhia, fora da sua toca, os primeiros raios de sol primaveris. De seguida explicou o processo da hibernação e contou mais uma história sobre como tinha domesticado – dando-lhe regularmente leite – e criado grande amizade com uma cobra durante a escavação da Gruta das Salemas. O que na ocasião verdadeiramente me espantou foi o facto de ter sempre todos os sentidos bem despertos, pois viu a cobra e empurrou-a enquanto caminhava e falava, sem alterações dignas de registo. Tudo em simultâneo e com uma naturalidade impressionante.



Fig. 1 – Com o Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira no corte de Vale do Forno (Alpiarça), em 1987.

Outra vez, nesse Inverno de 1983/84, e num dia chuvoso, não queria que descêssemos à praia do Magoito, com receio de alguma inesperada derrocada da escarpa que revelava instabilidade. Claro está que alguns de nós descemos e eu recolhi um artefacto pertencente ao que ele denominava como “Pebble Culture”. Verdadeiramente entusiasmado, desceu logo atrás, e explicou longamente o seu significado cultural e crono-estratigráfico e pediu a um colega que tinha câmara de vídeo – um dos futuros criadores do famoso programa televisivo do final dos anos 80 para jovens “Portugal Radical”, o José João Almeida e Silva – para filmá-la, perguntando-me se a dava para o Museu dos Serviços Geológicos. Claro que dei! Sobre este episódio retive a sua insistência em averiguar o local exacto onde a tinha recolhido e a comparação da cor da terra que se encontrava ainda agarrada ao artefacto, com a coloração das várias camadas da escarpa que se encontravam desagregadas na base da encosta e no corte.

Verdadeiramente inesquecível foi a forma, inesperada e marcante para mim, como apresentou, em 1983, a todos nós, alunos, o programa dessas visitas de estudo. A meio da sua exposição numa aula virou-se para a turma e disse, (mais ou menos assim):

«– Como toda a gente sabe, os meus alunos são tudo para mim! E, assim, perguntei ao Responsável: É possível fazer amor por correspondência?

– Ele, claro, respondeu que não!

– Eu então disse-lhe: Pois também não é possível aprender Pré-História sem ir para o campo.

– E ele retorquiu: Então está bem. Pode mandar alugar os autocarros!»

Disse-o com a altivez própria de um conquistador, qual precursor na vida real do cinematográfico professor protagonista do filme “ Clube dos Poetas Mortos “.

Esta frase diz muito da *performance* de Veiga Ferreira: comunicativo, directo, prático, metafórico, mas exigente e determinado, (era aí que eu via a sua costela de antigo “boxeur amador”, de que tanto se orgulhava).

Estou absolutamente certo que, nas suas aulas – bem como nas do seu antigo aluno da mesma Faculdade e então assistente e regente da cadeira de *Arqueologia: Teoria e Método*, Dr. Carlos Fabião –, ganhei a consciência para a salvaguarda do Património Arqueológico, em particular, e de todo o Património Histórico-Cultural, em geral. Recordo que realizou numa aula, em 1987, uma impressionante descrição, dos efeitos devastadores da antropização desenfreada e sistemática do Casal do Monte (Santo António dos Cavaleiros) e a destruição da jazida paleolítica que ali se localizava. Marcou-me essa intervenção de tal maneira que, juntamente com o meu colega da disciplina de Geologia e hoje arqueólogo – o Rodrigo Banha da Silva –, fomos logo para lá, de autocarro, no próprio dia, a seguir à aula, para ver com os nossos próprios olhos *in loco*, por sinal no meio de grande chuvada, de muita maquinaria pesada e de muitos prédios novos, o quadro real que tínhamos acabado de ver descrito na aula. A sua narrativa e o apelo contagiante levou-nos até aqueles solos basálticos, como se fôssemos tentar ajudar a salvar o património com a nossa presença.

O que ali vi naquela tarde, lembro ainda hoje muitas vezes.

Durante este período, de 1983 a 1987, visitei-o por duas ocasiões na sua casa do Bairro da Encarnação, tendo saído de lá sempre com muitas dezenas de separatas dos seus artigos científicos – que aliás me parece que, por norma, oferecia generosamente a todos aqueles de quem gostava – estimulando, decisivamente, também assim, o meu interesse pela Arqueologia. Este conjunto de separatas ainda hoje constitui o mais numeroso grupo oferecido por um autor que tenho na minha biblioteca pessoal!

3. COM OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA NA CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

Quando assumi a direcção da Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em Novembro de 1986, fui incentivado por várias pessoas ligadas à Autarquia a organizar aquelas que ficariam na memória (sabe-se hoje) como as 1.^{as} Jornadas de História de Cascais, a propósito de uma singela efeméride, que constituía apenas um mero pretexto para um evento cultural: a passagem do 45º aniversário da inauguração da sala de leitura daquela Biblioteca. Nesse grupo de pessoas destaco as seguintes: da Câmara, o Vereador do Pelouro da Cultura de então, o Engº Rui Ribeiro, e o meu superior hierárquico directo, o Chefe de Divisão da Cultura, Dr. Pedro Galvão Lucas; fora do âmbito da autarquia e pertencentes à Faculdade, alguns dos meus antigos mestres que se iriam tornar em grandes e verdadeiros amigos, com destaque para dois: o saudoso Dr. João Cordeiro Pereira e o Prof. Doutor Carlos Fabião.

Propus então ao Vereador Rui Ribeiro que a Câmara Municipal de Cascais deveria aproveitar a oportunidade para homenagear o Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, no ano do seu jubileu universitário, por todo o trabalho de investigação arqueológica desenvolvido no Município de Cascais, ao longo da sua vida. O vereador aceitou de pronto a iniciativa, e a sessão contou mesmo com a presença prestigiante e activa do Presidente da Câmara de então, o Dr. Georges Dargent.

Por diversas razões, aquelas Jornadas tiveram muita importância na minha carreira profissional e creio, na vida cultural e editorial do Município de Cascais. Carlos Fabião preparou uma intervenção que intitularia “100 anos de investigação arqueológica no concelho de Cascais” e decidimos que seria esse o momento para homenagear na sessão o Prof. Veiga Ferreira que, nos anos 60 e início dos 70, sob a orientação política do Engº. D. António Castelo Branco, Vice-Presidente da Câmara tinha, juntamente com outros arqueólogos, realizado várias interven-

ções e demais trabalhos no concelho de Cascais. Recordo que 1987 foi o ano da jubilação do Prof. Doutor Veiga Ferreira na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, tendo-se efectuado uma exposição sobre a sua vida e obra e editado um volume de homenagem, com a chancela das Edições Delta, intitulado “*Da Pré-história à História: Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*”.

A sessão foi realizada no dia 11 de Abril de 1987, num dos salões nobres do Palácio da Cidadela, perante uma assistência muito interessada e um conjunto de conferencistas, composto por investigadores e docentes universitários “encabeçados” pelo insigne historiador, e também cascalense, Prof. Doutor A. H. de Oliveira Marques (que havia convidado o homenageado para leccionar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, aquando da criação do curso de História). As comunicações das Jornadas de História de Cascais foram posteriormente publicadas no *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, nº 6, constituindo para muitos o ponto de partida de uma revisão historiográfica que trouxe, até hoje, inegáveis contributos.



Fig. 2 – Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira, 11 em Abril de 1987, nas Jornadas de História de Cascais, no Palácio da Cidadela em Cascais. Na assistência acompanhado da sua mulher, o que era raro quando se tratava de questões académicas.

Esta homenagem foi o prelúdio para a outorga pelo Município de Cascais da Medalha de Mérito, em Junho de 1992. Nessa sessão foram distinguidas, aliás, várias outras personalidades ligadas à Arqueologia do concelho de Cascais. Refiro-me ao Prof. Doutor Georges Zbyszewski, ao Eng^o D. António Castelo Branco e ao Dr. Guilherme Cardoso. Veiga Ferreira recebeu a medalha como testemunho da sua colaboração com a Câmara de Cascais, essencialmente pelo seu contributo na remodelação ocorrida na Sala de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães, pelas escavações da *villa* romana de Casais Velhos e pelas suas obras publicadas sobre a Pré-história do concelho de Cascais.

A CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS ATRIBUIU MEDALHAS DE MÉRITO:

(A TÍTULO PÓSTUMO)

A D. António de Castelo Branco

• Pelos relevantes serviços na defesa do património arqueológico concelhio nomeadamente na campanha de escavações e de restauro da vila romana de Casais Velhos.



• Ao Comandante Gabriel Lobo Fialho, director do Instituto de Socorros a Náufragos, pelo óptimo e prestimoso serviço prestado pela instituição nas praias da linha com a colaboração de banheiros e escuteiros.



• A D. Maria Alice Beaumont, responsável pela renovação da exposição da Sala de Arqueologia Alonso do Paço e Eugénio Jalhay, dedicada especialmente à cultura do vaso campinoforme, colecção essa de prestígio internacional.



• A D. Maria da Graça Pessoa de Amorim, pela sensibilização que tem desenvolvido desde então junto da população escolar para a importância da arqueologia concelhio através de jogos e outras actividades lúdicas, visitas guiadas e até textos de apoio para os professores.



• Ao Clube Naval de Cascais, pelos relevantes serviços em prol do desporto náutico, que tem levado a todas as partes do Mundo o nome de Portugal e, mormente, de Cascais. (Entregue ao Sr. Eng. Vaz Pinto Basto)

• A Guilherme Cardoso, autor da Carta Arqueológica do Concelho de Cascais, que há vinte anos desenvolve actividade de prospecção e identificação da maior parte das jazidas arqueológicas locais. Responsável, entre outros, pelo projecto de investigação que tem por tema a romanização do concelho de Cascais, de que é expoente máximo, mesmo internacionalmente, a vila romana de Freiria.



• Ao Prof. António de Sousa Lara, fundador de duas associações de defesa do património do concelho e, enquanto responsável autárquico, foi o dinamizador do «Arquivo de Cascais», boletim cultural do Município.



O presidente da CMC entrega a condecoração ao Dr. Sousa Lara



• Ao Dr. Veiga Ferreira, pelo apoio dado na remodelação da sala de Arqueologia do Museu Condes Castro Guimarães, as escavações da vila romana de Cascais Velhos e as suas obras sobre a pré-história do concelho de Cascais.

• A D. Maria Emília Andrade, que exerceu, com o maior apuro e competência, o lugar de chefe da Divisão Administrativa da C.M.C. e a quem, como noticiámos, foi prestada uma significativa homenagem quando da passagem à situação de aposentada.



• Ao Dr. Georges Zyzanski, pela sua relevante colaboração com a Câmara de Cascais no domínio da arqueologia, com particular destaque para o estudo geológico do concelho.

Fig. 3 – Notícia da atribuição da Medalha de Mérito pela Câmara Municipal de Cascais, no *Jornal da Costa do Sol*, nº 1259, de 18 de Junho de 1992.

Termino, referindo que o contacto com o Prof. Doutor Octávio Veiga Ferreira foi, claro está, essencial para a minha formação enquanto aluno, investigador e técnico que intervém diariamente em questões de património.

Não deixar cair no esquecimento quem nos antecedeu na nossa área de intervenção é, também, uma das nossas missões culturais. Lembrar o Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira é pois uma agradável obrigação. Assim, o Prof. Doutor João Luís Cardoso e todos quantos se associaram a este livro, bem como a Câmara Municipal de Oeiras merecem o nosso público reconhecimento.

Cascais, 12 de Outubro de 2008.